

18/12/1987 p. 23



TEATRO

CRÍTICA

JAIME SALAZAR SAMPAIO EM PORTALEGRE

Carlos Porto
O DESCONCERTO, de Jaime Salazar Sampaio.
Encenação: Augusto Tello. Cenografia: Vladimiro Franklín. Interpretação: Cristina Paiva, Manuel João Borges, Vítor Pires e José Mascarenhas. Teatro de Portalegre. Estreia: Sala-Estúdio Santa Clara/Portalegre. 28-11-1987 (6-12-1987).

Há peças (e autores!) com sorte — e ainda bem. É o caso da peça de Jaime Salazar Sampaio, «O Desconcerto»; aliás, um dos seus mais belos textos. Vi-o pela terceira vez, pela terceira vez senti-me fascinado pelos jogos ambíguos que nos propõe, pela terceira vez encontrei um espectáculo que corresponde às virtualidades da peça. E este facto leva-me a pensar que o engenho do encenador e dos intérpretes pode depender muito da capacidade do texto em despertar, através das suas próprias potencialidades, as razões que virão a ser as do espectáculo, razões que se revelam correctas e eficazes, mesmo que mudem de uma para outra criação.

Foi Rogério de Carvalho quem estreou, na SPA, «O Desconcerto» (DL/20-10-80/11-11-80), para a interpretação de Maria N'Zambi, jovem actriz morta na Guiné-Bissau em circunstâncias estranhas.

Voltei a ver a peça na produção de um grupo de vida breve, Teatro à Beira da Estrada, nas Oficinas de S. José, com Isabel de Castro no papel central, Helena (DL/20-7-81).

Desta vez, «O Desconcerto» interessou a um grupo de Porta-

legre, o Teatro de Portalegre, a que já me referi no «DL» a propósito de um espectáculo com textos de Karl Valentin.

Várias coisas me surpreenderam neste espectáculo: em primeiro lugar, a capacidade dramática demonstrada no levantamento de um texto que é bastante complexo na tessitura dramática que o constitui; em segundo lugar a proposta de clarificação dada pela encenação, algo diferente das encenações anteriores; em terceiro lugar, o equilíbrio do conjunto; e em quarto lugar a qualidade da interpretação principal, Cristina Paiva (que devia aparecer em primeiro lugar, como se entende). Este texto permite várias leituras possíveis, como escreveu o autor numa nota publicada no programa. Caso de uma leitura em que Helena surgisse como personagem única que sonha com a volta do homem que a deixara para ir «transformar o mundo»; foi essa a leitura proposta por Rogério de Carvalho que para isso pôs as várias personagens masculinas interpretadas pelo mesmo actor (Ávila Costa); uma outra leitura sugerida pelo autor é o de ser a personagem imaginária não Alexandre mas sim Helena, isto é,

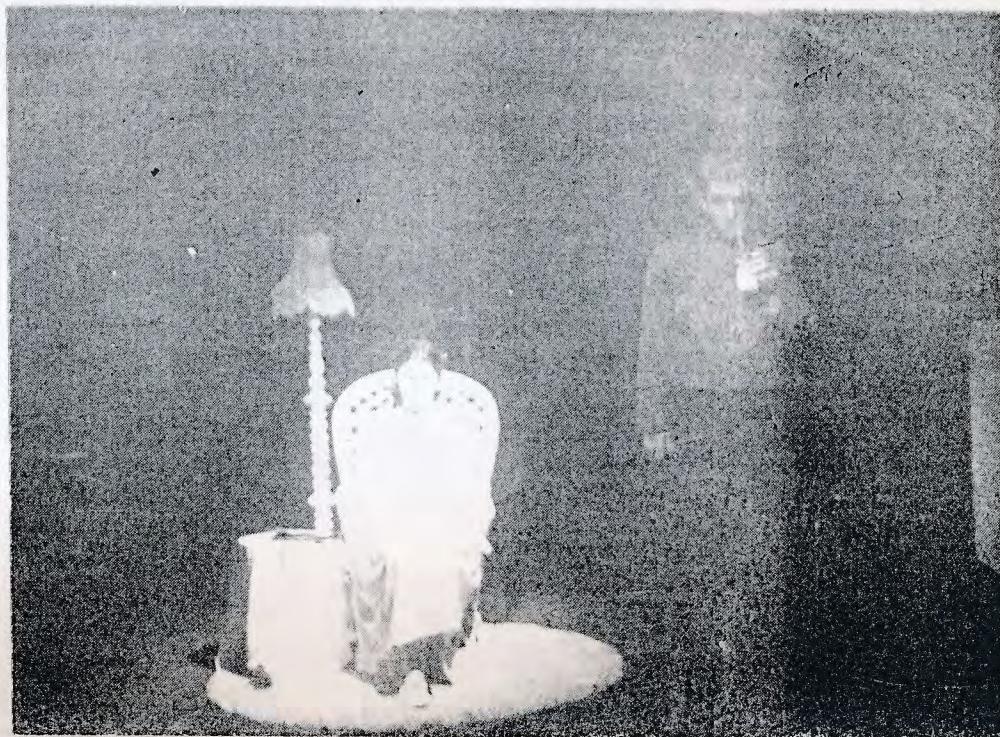
Helena seria imaginada pelas outras personagens.

Poder-se-ia ainda admitir uma leitura em que todas as personagens são reais, incluindo a criança que Helena diz ter na barriga.

E, por fim, há uma outra leitura, a leitura óbvia que por isso mesmo geralmente fica esquecida: a peça não seria mais do que um texto de ficção em forma teatral, com personagens, 1 mulher e 4 homens, situações dramáticas, diálogos. Em palco, o texto surge nas vozes e nos corpos dos intérpretes, mas também no cenário, nos fatos, nos acessórios, na luz, na música. Foi esta leitura do autor e talvez a do espectador, pela qual Augusto Telles optou. O resultado, devo dizê-lo, foi magnífico. De tal maneira que acabou por ser o melhor trabalho sobre a peça de Jaime Salazar Sampaio. Sem deixar, na sua simplicidade, de sublinhar a subtilidade dramática, a sua força teatral como nenhuma outra encenação até agora o conseguira.

Augusto Telles decidiu que na peça se fala de coisas muito concretas e sérias: que a guerra é a guerra, que lutar por transformar o mundo é lutar por transformar o mundo, que uma mulher grávida que espero pelo seu homem é uma futura mãe feliz por sê-lo, triste por estar só.

Para tornar significantes estes níveis de peça, o encenador colocou como pano de fundo uma reprodução da «Guernica» de Picasso (trata-se de uma imagem da guerra, e de uma determinada



guerra), colocou a personagem no centro, como nas encenações anteriores, tendo à sua direita a zona do seu quotidiano, a cozinha, o trabalho, e à sua esquerda, a zona das ruínas por onde personagens reais (mesmo que só na sua imaginação) surgem.

Com esta visão dicotómica da peça, o encenador conseguiu clarificar o que nela parece indecifrável sem deixar de manter o carácter procuradamente ambíguo que a marca (aliás, com ligeiras alterações do texto no fi-

nal, autorizadas pelo autor).

A força e a limpidez deste trabalho têm a ver com a coerência da interpretação sob o ponto de vista de composição e da expressão das personagens. Mas é claro que o espectáculo deve muito a Cristina Paiva, jovem recentemente formada pela Escola de Teatro do Conservatório que com este trabalho revela já qualidades invulgaes que espero venham a ter um aproveitamento condigno: no domínio da personagem, no autodomínio, na rela-

ção com cada parte e com o todo, na comunicação com o público, no trabalho com a voz, com os olhos (admirável a forma como torna o seu olhar velado).

Teria valido a pena ir ver este espectáculo a Portalegre, pela redescoberta de um texto muito bem, pelo trabalho inteligente de um encenador e de um grupo que pouca gente conhece, e ainda por esta descoberta de uma nova actriz. Cristina Paiva, vale a pena fixar o nome.